

Acenos venenosos

N. 14/3/92

por Luís José Loforte

«A experiência é uma coisa maravilhosa. Habilita-nos a reconhecer o erro cada vez que o repetimos». Franklin Jones.

Fui há dias atraído por um anúncio que dava a conhecer a realização de um debate sobre a educação em Moçambique na óptica do Dr. Domingos Arouca, na qualidade de dirigente de um partido que busca um lugar no espectro político de uma sociedade moçambicana finalmente tolerante. O debate, pelo que constava do referido anúncio, fora promovido por um fórum de estudantes universitários, que, para a felicidade de muitos, não vedou a participação de outros interessados. Sobressaiu, no entanto, o protagonismo de um sector bem conhecido de jornalistas, usando apenas como referência o volume das suas intervenções. Isso terá conduzido, em certa medida, a constantes desvios ao tema proposto, apesar da tentativa louvável de alguns para se corrigir a rota. Privilegiou-se a busca do horizonte político do velho nacionalista, em particular do seu posicionamento na actual realidade política moçambicana. Mesmo nos casos em que a educação foi chamada à baila por alguns jornalistas, não deixou de ser notada uma certa astúcia em rapidamente se associar a pergunta ou o comentário ao pensamento político global do orador. Até aí nada de anormal. Afinal, estávamos perante um «defeito» de profissão.

Um aspecto particularmente notado foi a animosidade despropositada de um sector conhecido de jornalistas para com o velho político, os preconceitos adjacentes às muitas posições tomadas, tudo suportado, o que é particularmente grave para um jornalista, por um curioso auto-credenciamento militante na defesa do partido FRELIMO. Ficou assim patente um curioso e nada salutar «aviso à navegação»: Qualquer oposição à FRELIMO deverá ter em sectores bem determinados da informação a primeira linha de confronto político, o que não me parece, convenhamos, benéfico para a vivência democrática, que tem na isenção do serviço público de informação o seu principal agente catalisador. No entanto, digo-o com toda a honestidade, não me parece, a mim, uma credencial real passada e autenticada pela FRELIMO. Quer dizer, não sei se a defesa da FRELIMO, por aqueles sectores, é realmente pela FRELIMO. Duvidei ontem e duvido hoje também. Nós vivemos neste país e muitos dos seus traços mais característicos são-nos familiares. Alguns deles assustam até. Afinal, gato escaldado até de água fria tem medo...

O gato «escaldou-se», aí há quinze anos, quando sectores também específicos da informação se insinuaram na perspectiva de conceber e produzir o discurso ideológico, numa altura em que também sectores determinados da FRELIMO definiam as rotas

do país e estavam conscientes do descontentamento popular pela sectarização de uma organização que se proclamou aglutinadora de muitas vontades de moçambicanos. Houve a simbiose, houve a repressão intelectual a todas as vertentes de pensamento do moçambicano, atravessamos o deserto de uma guerra sangrenta entre irmãos. Isto tudo foi a primeira parte da história recente deste país. Haverá quem contraponha e diga que é a segunda parte. Posso até concordar porque estamos em condições, hoje, de aventar hipóteses de «golpes palacianos» na luta armada de libertação nacional, a que não faltaram eufemismos de linguagem que todos conhecemos. Estaremos, hoje, perante uma segunda (ou terceira) parte da história? Qual é o ambiente que se vive, hoje, quando a FRELIMO preconiza uma sociedade pluralista, mesmo sabendo-se que a sua credibilidade deixa muito a desejar? Penso que mudaram os discursos e os cenários, mas os protagonistas são os mesmos: usam o aceno simpático ao poder, conscientes das suas dificuldades, para o retorno ao poder de influenciar o poder, com o conseqüente privilégio que isso lhes proporcionará.

O principal cavalo de batalha é a hostilidade premeditada contra tudo o que é força política emergente. Penso que a dignidade da FRELIMO só se reconquistará com a assumpção vertical de todos os erros cometidos e aceitar o desafio de emparceirar com todos no combate aos graves desvios que a sociedade sofreu. É certo que não foi ela sozinha a cometer os erros, mas é ela que está no poder. Penso que sabe que não reconstruirá o país sozinha. Quer dizer, a FRELIMO, perante estas insinuações ardilosas de sectores que foram privilegiados, só tem que optar entre um discurso positivo e um discurso negativo. Optando por esta última vertente, só pode esperar um sofrimento ainda maior dos seus cidadãos. Aceitar que, em seu nome, se faça a hostilidade premeditada em relação a tudo o que é partido ou força política emergente, estará propiciando outras violências. Que saiba, pelo menos, se optar por essa via, que as elites pouco se importarão que isso aconteça por mais dezasseis anos, porque, tal como nos tantos outros que passaram, não fizeram parte do milhão e meio de moçambicanos que encheram de luto o país, não viram os seus pais e avós carregando parcos haveres em busca de um refúgio no incerto, não comeram a trampa da guerra, não viram ninguém dos seus sem orelha e sem o sexo, não sabem sequer onde fica Ndiavela ou Lalaua. Se o poder optar pelos ACENOS VENENOSOS das elites que todos conhecemos, também tem de aceitar, mais tarde, as críticas que as faremos.